

JOÃO AMÓS COMÊNIO

E AS ORIGENS DA IDEOLOGIA PEDAGÓGICA

O inspirador das reformas escolares modernas

JEAN-MARC BERTHOUD





JOÃO AMÓS
COMÊNIO

E AS ORIGENS DA IDEOLOGIA PEDAGÓGICA

O inspirador das reformas escolares modernas

JEAN-MARC BERTHOUD



**EDITORA
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © 1997, de Jean-Marc Berthoud
Publicado originalmente em francês sob o título
Jean Amos Comenius (1592-1670) et les sources de l'idéologie pédagogique
pela Éditions L'Age d'Homme,
Lausanne, Suíça.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
EDITORA MONERGISMO
Centro Empresarial Parque Brasília, Sala 23 SE
Brasília, DF, Brasil – CEP 70.610-410
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2017

Tradução: *Samara Geske*
Revisão: *Felipe Sabino de Araújo Neto e Rogério Portella*
Capa: *Filipe Schulz*
Projeto gráfico: *Marcos R. N. Jundurian*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

João Amós Comênio e as origens da ideologia pedagógica: o
inspirador das reformas escolares modernas / Jean-Marc
Berthoud, tradução Samara Geske – Brasília, DF: Editora
Monergismo, 2017.

88 p.; 21cm.

Título original: *Jean Amos Comenius (1592-1670) et les sources
de l'idéologie pédagogique: L'inspirateur des réformes scolaires
modernes 1*

ISBN 978-85-69980-44-5

1. Educação 2. Pedagogia 3. Teologia I. Título

CDD: 201

SUMÁRIO

Prefácio à edição brasileira.....	7
Prólogo.....	13
Introdução: breve biografia de Comênio	23

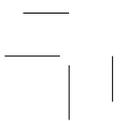
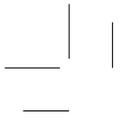
PRIMEIRA PARTE

I. A visão pedagógica de Comênio	39
--	----

SEGUNDA PARTE

II. Os fundamentos filosóficos do pensamento de Comênio	61
III. A tendência à procura da racionalidade total.....	65
IV. O pensamento unívoco em relação a Deus e a criação	71
Conclusão	83





PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA



A Reforma sempre se ocupou em derrubar ídolos, materiais e espirituais. Alguns reformados dedicam-se a esse iconoclasmo com tanto gosto que suspeitamos exagero, mas ainda assim somos gratos pela tarefa cumprida. Jean-Marc (João Marcos) Berthoud é desses iconoclastas, e Comênio, argumenta Berthoud, é desses ídolos.

Conheci esse iconoclasta quando minha esposa e eu, recém casados, éramos refugiados do neopentecostalismo que destruía sua igreja e racharia a minha. Pela providência divina, mudamo-nos para Lausana (*Lausanne*), cantão de Vaud, na Suíça francesa, dia onze de novembro de 2001, e sem saber mais que uns cumprimentos e cançonetas em francês, na primeira semana lá perdemo-nos no bairro à noite e deparamo-nos, no fim duma pequena rua sem saída mas que dava vista para onde hospedávamo-nos, com uma rampa para o subsolo dum predinho, com uma placa: *Église évangélique baptiste. Cultes dimanche 9 h 45* — ou algo nesse sentido. Exaustos pela viagem e primeira semana de vida e trabalho em terra estranha, em nossa primeira manhã de domingo, dia dezoito, acordamos tarde demais para ir à igreja anglófona no centro da cidade, e resolvemos participar ali pertinho do culto naquela língua estranha para nós. Bem recebidos no culto e

almoço comunitário (mensal), voltamos domingo seguinte, dia 25, e não apenas nos vimos cercados de cuidados acerca do frio que chegava e das dificuldades financeiras dum jovem casal imigrante, mas ainda uma das famílias da igreja nos convidou ao almoço dominical, o que se tornou constante nos dois anos que lá passamos. Uma dessas famílias, a de Rose-Marie & Jean-Marc Berthoud, ela dona de casa, artesã e escritora, ele carregador do Correio, mestre e conselheiro da igreja, livreiro, escritor, conferencista, editor e evangelista; pais de cinco filhos crescidos, dois dos quais ainda consigo; os Berthoud tinham a maior biblioteca particular que já conheci — e o sr. Berthoud parecia tudo ter lido, sendo capaz de achar a informação relevante a quase qualquer assunto entre os livros que cobriam do rodapé ao teto de todo o amplo apartamento, exceto cozinha e banheiros, em fila dupla e empilhados até preencher o espaço vertical entre os livros numa prateleira e o fundo da prateleira acima, transbordando para a garagem e expulsando o carro para a rua.

Berthoud não apenas nos forneceu o alimento intelectual para complementar o espiritual que aquela igreja nos deu — a atual *Église réformée baptiste*, pastoreada por Stuart Olyott nos anos oitenta —, mas ainda ajudou o pastorado de Lausana a nos apoiar na traumática saída do neopentecostalismo rumo às igrejas reformadas, batistas mas não apenas.

Famoso no meio teológico reformado mundial, e no meio conservador em geral da Romandie, a Suíça francesa, por ter conhecimento dos mais vastos e combatividade das mais assertivas e persistentes, o sr. Berthoud por vezes assume posições controversas, algumas das quais nunca consegui acompanhar; mas provou-se profundamente sábio no pastorado de nossas almas feridas, e tanto ele quanto a igreja

reformada batista de Lausana souberam ser firmes e claros em suas posições, sem deixar de nos ouvir em nossas perplexidades e discordâncias, plantando sementes, algumas das quais creio ainda estão germinando, quinze anos depois. Congregar em Lausana com o sr. Berthoud e outros quebrou meus preconceitos herdados, o evangélico implícito contra o calvinismo e o brasileiro explícito contra a falsamente assim chamada “frieza europeia”, e deu-nos um exemplo de vida e pensamento cristãos que até hoje, várias mudanças de cidade e portanto de igreja depois, é-nos referência de igreja e de vida, contextualizando tanto a teologia reformada em geral quanto seu reconstrucionismo particular numa experiência profunda de maturidade e equilíbrio.

Neste livreto, Berthoud mostra-nos o mal que uma semente de joio lançada em solo cristão quatro séculos atrás ainda causa. Comênio talvez seja o protestante mais popular no meio intelectual há séculos, por meio de sua imensa influência na pedagogia, a ponto de ser louvado não apenas por cristãos mas até pelos mais renitentes entre os anticristãos, ONU e Unesco inclusas. Conhecendo-se a forte rejeição à teologia e cultura reformadas por latitudinaristas, neo-arminianos, romanistas, gregos, hereges, agnósticos e ateus em geral, essa popularidade poderia até causar estranheza — e ao ler a explanação que Berthoud nos proporciona das raízes e da forma do pensamento comeniano, estranhamos não ter percebido antes quão pouco reformado, até quão pouco cristão, é o legado que Comênio na verdade deixou, o que provavelmente foi o que o tornou palatável *urbi & orbi*. E, como ideias têm consequências, amiúde mais fortes que as das ações, precisamos conhecer os problemas e riscos do legado comeniano para podermos viver — educando nossos

filhos, buscando preservar as escolas da decadência de nossa civilização, estruturando escolas cristãs, planejando escolas dominicais e outros ministérios de ensino cristão, buscando a reconstrução da igreja e talvez da sociedade seja como teonomistas num extremo, ou na opção Bento¹ noutra, ou meramente entendendo onde foi que a educação das novas gerações da civilização ocidental perdeu o rumo; e como tem perdido espetacularmente o rumo, o que é patente para qualquer um que não seja um completo ermitão!

Hoje identificamos a teologia reformada quase que exclusivamente com o mundo anglossaxão, principalmente Estados Unidos, com um apêndice holandês devido ao imenso prestígio de Abraham Kuyper e de tantos neerlandeses estabelecidos na América anglossaxã. Descobrir a obra de Jean-Marc Berthoud nos abre o apetite para descobrir o calvinismo europeu em geral e especialmente francófono, não apenas teológico mas profundamente enraizado e interessado na História, na cultura e na sociedade — o que é eminentemente adequado em se tratando das igrejas que mais diretamente descendem do que foi a origem calvinista, a saber as igrejas reformadas ortodoxas francófonas; nossa igreja reformada batista de Lausana ficava a meros cinquenta minutos de carro — 45 de trem — da Genebra de Calvino, de sua igreja e de seus seminário e companhia de pastores, hoje dominados por um liberalismo teológico hostil a tudo que cheire a ortodoxia, mal tolerando uma neoortodoxia prestigiada por tantos cristãos, intelectualmente interessantíssima mas quase inteiramente estéril ética e eclesiasticamente.

¹ Opção por um “novo monasticismo” leigo, onde cristãos recuam da vida pública para reconstruírem a sociedade a partir da fidelidade de suas congregações e famílias.

Não temos como saber se Berthoud, sua igreja e sua obra conseguirão, no grande esquema da civilização europeia, cumprir com sucesso sua missão de resistir & construir — nome do informativo que manteve durante décadas, *Résister & construire* —, mas obras como esta, de crítica profunda das raízes mais remotas de nossa cultura e seu desmonte, certamente importam muito no esquema ainda mais amplo da batalha espiritual ora em curso, seja na resistência, seja na reconstrução, na evangelização duma cultura viciada por décadas de pedagogia desastrosamente equivocada, seja mesmo no apoio a igrejas hoje reformando-se a partir do beco sem saída do neoevangelicalismo e do neopentecostalismo, não apenas nas terras tradicionalmente protestantes da Europa do Norte e suas colônias, mas também nas terras de missão e de crescimento pentecostal da América latina, Ásia e África.

Berthoud abre-nos a perspectiva para outro reconstrucionismo, diferente daquele por vezes estridente que encontramos na Internet anglófona ou lusófona e nos neófitos do novo calvinismo — mais circunspecto, mais maduro, mais preocupado com as origens e os meios. Sua crítica teológica e cultural nos lembra que gostaríamos, sim, que a igreja voltasse a ter o prestígio que teve outrora, e voltasse a moldar sociedade, famílias e cultura — mas que, para isso, ela precisa reformar-se e ser sempre reformanda, formando-se sempre no Espírito e Sua sã doutrina para poder formar as novas gerações de filhos da Aliança.

— **Leandro Guimarães F. C. Dutra**

Brasília, setembro de 2017

